

6462

TUDO É DIVINO, TUDO É HUMANO (*)

Elizabeth Marinheiro

“A ocasião é o mais importante e o menos importante, o mais significativo e o insignificante, o supremo e o ínfimo. Sem ocasião não acontece realmente nada e, no entanto, a ocasião nada tem a ver com o que sucede.” (KIERKEGAARD).

A comunidade aqui presente diremos: “Tudo é divino e tudo é humano”, está escrito.

E o que sucede? perguntemos nós. O lançamento de nossos livros numa das mais verdadeiras capitais culturais da nação. E por ser “el mundo una creación abierta” é que estamos nós aqui/agora. Outra causa não justificaria nossa presença nos espaços polissêmicos da Academia e Universidade. Espaço que é a própria dimensão totalizante do saber acadêmico/universitário.

Aqui estamos. Inversa a situação. Não somos o sujeito que julga, porque somos o objeto julgado. Quanta honra! Que se me permita a sinceridade do “topos”.

Trouxestes-nos para o vosso seio. E o *poeta* acaba de nos transformar em macrometáfora. É a crença em nossos livros.

Não, não temos a convicção do grande livro. Temos sim a consciência de um magistério que questiona e reflete, que recoloca e que repensa. Nossos livros não trazem rótulo de homenagem a verdades do passado ou do presente: querem dizer um trabalho de construção voltado para o “sentido suspenso” da obra, já que inexistente obra completamente misteriosa ou completamente clara. *A Bagaceira*, por exemplo, — abalando os sentidos que lhe são assegurados, merecendo um

(*) Discurso proferido no lançamento dos livros *A intertextualidade das formas simples* e *A Bagaceira: uma estética da sociologia*, da autora, em Fortaleza, no dia 23 de outubro de 1980.

“deciframento” infinito — é obra que interroga mas não responde e, daí, a impossibilidade de silêncios em torno dela.

Mas... a linguagem crítica não é uma linguagem caída do céu por descuido. O prazer estético não é hedonístico, nem acaciano — é rigorosamente referido ao objeto, onde nenhum crítico consciente poderá desconhecer a estrutura fundamental desse objeto; “é na obra que reside o valor que suscita nossa valorização” diz Rosenfeld.

Temos, portanto, investigado os valores internos do texto à luz de uma concepção literária, porque partindo de uma Poética nossos erros de julgamento são mais ricos, mais fecundos. “Não há nada mais difícil do que errar bem e com argumentos irrefutáveis”, repetindo Rosenfeld.

Permanece nos corredores da universidade aquela briguinha entre professores que defendem o primado da objetividade e os que representam a aceitação da Ideologia. Até parece oposição radical entre crítica universitária e crítica de interpretação. A primeira, seja de cunho *fenomenológico* (explicitando a obra ao invés de a explicar), *prática* (restituindo as metáforas interiores do texto) ou *espiritual* (tomando a obra por um sistema de funções), *centrada* nas imâncias do texto. A segunda diretamente comprometida com o existencialismo/marxismo/psicanálise etc.

E por que não unir as regras objetivas da pesquisa científica às convicções gerais sobre homem/história/literatura, já que não é tarefa crítica falar certo em nome de princípios verdadeiros?

Nós buscamos a verdade: tal atitude seria esforço gigantesco, equacionamento de certa forma perigoso para os não iniciados, rebelião nos quadros de pensar ocidental. Se o poema não é verdadeiro nem falso, busquemos a *validade* do literário, a *validade* de uma interpretação profunda!

Para Barthes, a prova crítica (se é que ela existe...) não é de ordem alética, ou seja, não depende da verdade e sim de uma aptidão para cobrir a obra “o mais completamente possível com sua própria linguagem”. Para ele, a obra não dá *um* sentido ao mundo: ela *dá sentido* ao mundo e embora se ofereça (ela) como sistema significante declarado, se furta ao leitor como objeto significado. É aquela “decepção”, aquela “desapreensão do sentido” já que nenhuma grande obra é dogmática, afirma o grande teórico.

O crítico Eduardo Portella — na qualidade de *Homo Sapiens* e *Homo Ludens* — vem protestando com acerto e competência contra as dicotomias que esgotam o homem, contra as ilusões sistêmicas, estruturalóides, que apenas se articu-

lam na faixa dos sistemas sígnicos. Contra a miopia que não vê para além do texto.

Estes posicionamentos nos devolvem a Roland Barthes quando postula a crítica da obra e a crítica de si mesmo; a crítica como conhecimento do outro e co-nascimento de si mesmo ao mundo. Dizê-la “metalinguagem” é atribuir-lhe a relação da linguagem crítica com a linguagem do autor observado e a relação dessa linguagem-objeto com o mundo. Duas relações que não se opõem porque se implicam reciprocamente para além dos acordos e das conformidades. Duas relações que recusam a racionalidade repressiva porque “transbordam os limites territoriais da estrutura”, onde o crítico aprisionado não poderia exercer sua função de mediador entre estilos/épocas, presente/passado, homem/história.

Duas relações que também rompem, violam o cárcere da LÍNGUA: se a crítica universitária lê o desvio, a crítica ideológica *interpreta* este desvio, o que será já uma nova criação, um “novo REAL”.

Dizê-la metalinguagem significa proclamá-la simultaneamente, objetiva e subjetiva, histórica, existencial, totalitária e liberal. Significa um pensar “sobre” e um pensar “com”, pois já não é possível “falar sobre literatura de fora da Literatura”. Dizê-la metalinguagem é reservar-lhe o *status* de CONAISSANCE e CO-NAISSANCE.

Amigos e colegas: se não somos Conhecimento, somos o Reconhecimento já que “não se leva lanterna ao luar.”

Em Fortaleza, portanto, “A *Intertextualidade*” e “Uma Estética da Sociologia”. Melhor diremos, um reencontro com Ariano Suassuna e José Américo de Almeida. Eles fizeram o jogo articulando identidades e diferenças, individualizaram os universais sem atender aos apetites do consumo.

Superando formas exauridas, suas obras alçam-se como protesto ao Kirsch e as paraliterário. São romances de alto índice artístico, por onde a gente “vai e vem”, bergsonicamente, (particularmente em “A Pedra”), como se passado/presente/futuro estivessem fundidos para o futuro emergir como exigência do passado/presente. Disse Carneiro Leão: “c’est la durée”, cujo ritmo é a Essência do tempo, como temporalidade do SER, nas especialidades do “Reino”, nos universos do “bagaço”.

Como a verdade dos poemas de Horácio Dídimo, *Pedra e Bagaço* também são uma verdade manifestativa. Se o Poeta de Fortaleza não recusa as contradições, os paraibanos são, igualmente, essencialmente humanos. Se Horácio é *poeta de celebração*, da existência, José Américo e Ariano Suassuna

são também uma interpretação de humanidade sendo e existindo.

Finalmente, o agradecimento mais profundo pela *ocasião*. Pelo privilégio com que fomos honrados e distinguidos. As desculpas pelo que “sucedeu”... No entanto, a *ocasião* nada tem a ver com o que sucedeu...

Se não somos Conhecimento, somos o Reconhecimento já porque “não se leva lanterna ao luar”...

“A tessitura da apresentação com que engrandecestes, continuará dividindo minhas noites pelo meio”. Somos a esperança de que tais livros chegarão aos bancos escolares de Fortaleza porque foram, originariamente, elaborados para o estudante nordestino. Sim, não nos esqueçamos, nunca, de que ao juntar-se as mãos se engrandecem.

De fato, tudo é divino, tudo é humano! Muito obrigada!